



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas

**Sobre o emprego da vírgula segundo as Gramáticas Tradicionais: a ilusão da vírgula  
como pausa na oralidade.**

**Marília de Castro Dutra**

Brasília

2023

**Marília de Castro Dutra**

**Sobre o emprego da vírgula segundo as Gramáticas Tradicionais: a ilusão da vírgula como pausa na oralidade.**

Trabalho apresentado à disciplina Projeto de Curso como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade de Brasília - UnB.

**Orientadora:** Profa. Dra. Helena da Silva Guerra Vicente.

Brasília

2023

Dedico a minha avó Maria Divina (*in memoriam*), que me instruiu na fé e me ensinou o valor das coisas do Criador e a toda minha família pelas vezes que me reergueram e me impulsionaram a transformar meus sonhos em realidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Foram inúmeros os percalços para a concretização desse ciclo. Foram momentos de choros e alegrias, mas que graças a vocês, a conquista foi possível. Por isso agradeço:

- À minha mãe por ser meu exemplo de amor à docência e meu modelo de esforço para alcançar os meus objetivos;
- Ao meu pai, que sempre se fez esteio para nossa família e me deu forças para seguir o meu caminho quando eu acreditava ser impossível cumpri-lo;
- Ao meu irmão, que me instruiu ter coragem e perseverança em todos os meus planos, fazendo que eu enxergasse a grandiosidade e o encanto nas coisas cotidianas;
- À Profa.Dra. Helena da Silva Guerra Vicente pela orientação e paciência durante a construção dessa experiência;
- Aos amigos que, mesmo com várias preocupações da vida acadêmica, sempre me incentivaram e compartilharam suas vivências;
- À todos os meus professores que colaboraram para que eu ingressasse na graduação.

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

(Paulo Freire)

## **Resumo**

O presente artigo pretende verificar por meio da revisão de literatura e análise em quais circunstâncias Bechara (2009), Rocha Lima (2016) e Celso & Cunha (2011) prescrevem o emprego da vírgula, em suas gramáticas tradicionais, de modo que seja evidenciada as diferenças e as aproximações nas abordagens e nos conceitos, e ao mesmo tempo, denunciar o equívoco da pausa da oralidade ser motivadora de vírgulas na escrita. Após, essa análise é apresentada uma proposta de intervenção metodológica centrada no ensino da vírgula relacionada aos conceitos de Seleção Semântica e Constituinte Sintática. A partir de tais considerações, se procura refletir como a vírgula deveria ser trabalhada, contemplando a necessidade de associá-la ao aprendizado sintático. Os resultados obtidos da pesquisa apontaram que o estudo da vírgula nas Gramáticas Tradicionais tem sido apresentado a partir da questão do ritmo e da pausa, desconsiderando que os falantes têm um conhecimento intuitivo sobre a língua que permite explicar o uso da vírgula.

**Palavras-chaves:** Vírgula; Pausa; Sintaxe; Pontuação.

## Sumário

Introdução .....	5
1. Gramáticas Tradicionais .....	5
1.1 Evanildo Bechara .....	6
1.2 Cunha e Cintra .....	8
1.3 Rocha Lima .....	11
2. Análise das Obras Gramaticais .....	13
2.1 Evanildo Bechara .....	13
2.2 Cunha e Cintra .....	14
2.3 Rocha Lima .....	16
2.3.1 Considerações Finais Parciais: observações sobre as Gramáticas analisadas .....	22
3. Seleção e Constituição .....	23
3.1 Seleção, Constituição e Pontuação: Uma proposta formal para o Ensino da vírgula em Português .....	23
4. Considerações Finais .....	27
5. Referências Bibliográficas .....	29

## **Introdução**

Neste trabalho discorreremos sobre a vírgula e o emprego adequado desse sinal de pontuação. Examinaremos a abordagem teórica das principais gramáticas do português, cujos autores são referências na nossa língua: Carlos Henrique da Rocha Lima (1915-1991), Evanildo Bechara (1928) e Celso Ferreira da Cunha (1917-1989). O objetivo geral é identificar algumas incongruências nos casos de uso apresentados nesses materiais e demonstrar o equívoco do ensino da vírgula associada à pausa na fala.

É importante se dedicar ao tema a fim de compreender a dificuldade, por vezes, dos próprios docentes quanto ao ensino do uso desse sinal de pontuação, visto que as diferentes conceituações e normatizações das regras nas gramáticas dificultam o entendimento por parte dos leitores. As obras apresentam o conteúdo por meio de regras, ora guiadas por questões sintáticas, ora guiadas por questões prosódicas, o que compromete a tarefa do docente ao ensinar esse conteúdo gramatical.

O trabalho não tem o intuito de invalidar as contribuições das Gramáticas Tradicionais, pelo contrário, as reconhece como pilares no ensino. O presente estudo apenas aponta algumas questões que precisam ser revistas e implementadas para aprimorar o ensino do emprego da vírgula.

O artigo faz uma revisão bibliográfica, de caráter descritivo, visto que examina contribuições teóricas à luz de autores que trabalham a definição da vírgula atrelada à noção de pausa na fala. O artigo se encontra dividido da seguinte forma: na seção 1, vamos nos debruçar sobre as Gramáticas Tradicionais de Evanildo Bechara (2009), Celso Cunha & Lindley Cintra (2016) e Rocha Lima (2011) e como discorrem sobre o uso da vírgula; na seção 2, teceremos uma análise da relação equivocada entre vírgula e pausa; por fim, na seção 3, apresentaremos a proposta de ensino da vírgula em Guerra Vicente; Lunguinho; Medeiros Junior (2020).

### **1. Gramáticas Tradicionais**

Nesta seção, faremos uma síntese do conteúdo de três Gramáticas Tradicionais sobre o emprego da vírgula. São elas: Bechara (2009), Celso & Cunha (2016) e Rocha Lima (2011).

#### **1.1 Evanildo Bechara (2009)**



A Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara, dedica um capítulo à pontuação, e se estende especificamente no que diz respeito ao emprego da vírgula. Bechara classifica a vírgula como sinal gráfico “essencialmente separador”, responsável por marcar “pausas inconclusas”. O autor atribui características a esse sinal a partir da definição abordada por Nina Catach (1980):

"sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas." (CATACH, 1980 apud BECHARA, 2009, p. 604)

O autor identifica dezesseis regras/situações nas quais a vírgula deve ser utilizada. Introduz o estudo relacionando, primeiramente, a vírgula para separação de termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).

(1): “Sim, eu era esse garção bonito, airoso e abastado” [MA.1, 48].

O gramático ainda constata que, em um composto de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito não será separado do verbo por vírgula.

(2): “Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado.” [CL.1, I, 102].

No tocante às orações coordenadas, emprega-se vírgula para separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas por conjunção “e”, expressas com pausa.

(3): “Gostava muito das nossas antigas dobras de ouro, e eu levava-lhe quanta podia obter” [CL.1, I, 53].

Bechara (2009) também discorre sobre as orações coordenadas alternativas (ou, quer, etc.) separadas por vírgula quando expressas com pausa. Nessa situação o autor destaca que essa norma é empregada quando “ou” expressar ratificação. Caso, indique equivalência, suspende-se o uso da vírgula.

(4): “Ele sairá daqui logo, *ou eu me desligarei do grupo.*”

(5): “Solteiro *ou* solitário se prende mesmo termo latino”

Admite-se a vírgula também para separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).

(6) “A casa é linda, linda.

Admite-se também para separar ou intercalar vocativos. Salienta-se que nas cartas a pontuação é diversificada, geralmente, ocorre por vírgulas. Enquanto, na redação oficial usam-se dois pontos. Ademais, separa as posições, exceto no especificativo.

(7): “ora enfim de uma casa que ele meditava construir, para residência própria, casa de feitiço moderno...” [MA.1, 238].

Deve-se aplicar a vírgula, quase sempre, nas orações adjetivas explicativas e nas orações restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam. Nesse tópico, o autor frisa que mesmo que o sujeito expandido pela oração adjetiva esteja separado por vírgula, a pontuação pode ser empregada. Como no exemplo:

(8): “Os que falam em matérias que não entendem, parecem fazer gala da sua própria ignorância [MM].”

Emprega-se a pontuação também para separar as orações intercaladas e as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão e concessão. Além das conjunções e advérbios adversativos (“porém”, “todavia”, “contudo”, “entretanto”), principalmente quando pospostos:

(9): “E, não obstante, havia certa lógica, certa dedução” [MA, 1,89].

(10): “A proposta, porém, desdizia tanto das minhas sensações últimas...” [MA.1,87].

A vírgula é utilizada, em geral, para separar adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que antecedem ou estão no meio da sua principal. Além de isolar o nome do lugar, nas datas e apontar, às vezes, a elipse do verbo:

(11): “Ele sai agora: eu, logo mais.”

Por fim, Bechara (2009) traz dois usos da vírgula associados a compreensão e expressividade do sujeito comunicativo. Declara que é necessário o uso da vírgula para

assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e para intercalar um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária. Além disso, esclarece ser necessário empregar a vírgula para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separando por vírgula a expressão deslocada. Como no exemplo:

(12): “De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira” [MM].

## 1.2 Cunha e Cintra (2016)

Nessa versão gramatical de carácter prescritivo, os autores, ao explorarem a pontuação, intitulam a vírgula como um dos “sinais que marcam sobretudo a pausa”, especificamente a “pausa de pequena duração”. Além de associarem vírgula à pausa, trazem o aspecto do ritmo e da melodia quando destacam que:

“a língua escrita não dispõe dos inúmeros recursos rítmicos e melódicos da língua falada. Para suprir esta carência, ou melhor, para reconstituir aproximadamente o movimento vivo da elocução oral, serve-se da pontuação.” (CUNHA; CINTRA, 2016, p.657).

Ao longo da obra, são explorados dez usos da vírgula. A abordagem apresentada pelos autores organiza o uso da vírgula a partir das ocorrências no interior das orações e entre as orações. Nessa divisão, elencam-se seis regras a serem aplicadas no interior das orações e quatro regras a serem aplicadas entre as orações.

Os autores iniciam o conteúdo discorrendo sobre o uso da vírgula para separar elementos com a mesma função sintática, como por exemplo, o sujeito composto, os complementos e adjuntos quando não estão ligados pelas conjunções “e”, “ou” e “nem”.

(13): “Os homens em geral são escravos; vivem presos às suas profissões, aos seus interesses, aos seus preconceitos.” (G. Amado, TL, 12.)

Em seguida, os autores ressaltam que, caso essas conjunções sejam repetidas em uma enumeração, é indicado separar os elementos coordenados por vírgulas:

(14): “Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder mais” (Machado de Assis).

Os elementos com funções sintáticas diversas também devem ser separados por vírgula. Geralmente, o propósito é realçá-los. Eles explicam ainda que se deve empregar a vírgula para isolar o aposto ou expressões de valor explicativo, o vocativo e os elementos repetidos e o adjunto adverbial antecipado.

(15): “A meu pai, com efeito, ninguém fazia falta.” (O. Lara Resende, RG, 93.)

(16): “- Como é que tu te chamas, ó rapaz?” (L. B. Honwana, NMCT, 87.)

(17): “Contigo, contigo, Antônio Machado, fora bom passear.” (C. Meireles, OP, 344.)

(18): “Lá fora, a chuvada despenhou-se por fim.” (C.de Oliveira, AC,17)

Neste último caso apresentado, Cunha e Cintra trazem uma condição quanto à extensão desses adjuntos. Caso estes sejam de pequeno corpo (um advérbio, por exemplo), costuma-se recusar a vírgula. Entretanto, se o objetivo é realçá-lo, o uso da vírgula é obrigatório.

(19); “Depois levaram Ricardo para a casa da mãe Avelina.” (J. Lins do Rego, U, 320.)

(20): “Depois, tudo caiu em silêncio.” (Castro Soromenho, TM, 261.)

O uso da vírgula também é prescrito para separar o nome de um lugar na datação de um escrito e sinalizar a supressão de uma palavra ou de várias palavras.

(21): “Paris, 22 de abril de 1983.”

(22): “No céu azul, dois fiapos de nuvens.” (A. F. Schmidt)

A partir daí, Cunha & Cintra examinam a ocorrência da vírgula entre as orações. Partindo das orações coordenadas assindéticas que são separadas por vírgula, assim como as orações coordenadas sindéticas, exceto aquelas introduzidas pela conjunção “e”.

(23): Acendeu um cigarro, cruzou as pernas, estalou as unhas, demorou o olhar em Mana Maria. (A. de Alcântara Machado, NP, 136.)

Nessa situação, são acrescentadas duas observações sobre a conjunção “e”. As orações coordenadas ligadas por essa conjunção, que tenham sujeito diferente, serão separadas por vírgula, assim como as orações que tiverem essa conjunção reiterada.

(24): “O sol já ia fraco, e a tarde era amena.” (Graça Aranha, OC, 148.)

(25): “E eles riem, e eles cantam, e eles dançam.” (Ó. Ribas, EMT, 75.)

No que diz respeito às conjunções adversativas, os autores ressaltam que a conjunção “mas” é empregada sempre no começo da oração e a vírgula vem antes da conjunção:

(26): “Vá aonde quiser, mas fique morando conosco.”

Por outro lado, as conjunções “porém”, “todavia”, “contudo”, “entretanto” e “no entanto” podem vir ou no início da oração, ou após um de seus termos, sendo isoladas por vírgulas. Tal organização se estende às conjunções conclusivas (“logo”, “portanto”, “por conseguinte”, etc.) atribuindo uma vírgula anteposta ou entre vírgulas a depender do caso. A única exceção é a conjunção conclusiva “pois”, que é isolada por vírgulas sempre que posposta a um termo de sua oração.

(27): “Não pacteia com a ordem; é, *pois*, uma rebelde.”

Além disso, a vírgula deve ser empregada para isolar as orações intercaladas e as orações subordinadas adjetivas explicativas. Nesse último caso, os autores ainda acrescentam a classificação das orações subordinadas adjetivas: restritivas e explicativas. As primeiras são indispensáveis ao conteúdo da frase, ligando-se a um substantivo antecedente sem pausa; logo não se separam por vírgula. Já as explicativas, com função acessória, separam-se por uma pausa, representada pela vírgula.

(28): “Não se lembraria do beijo que me jogara de longe, dos cravos que me atirara...”  
[Ribeiro Couto, C,85.]

(29): “Os dois espanhóis e meu tio, que o ouviam, olharam para mim.” [J.de Sena, SF,175]

Separam-se ainda as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antecedidas à oração principal e às orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de participípio, quando correspondem às orações adverbiais.

(30): “A não ser isto, é uma paz regalada.”

Na conclusão do capítulo, salientam ainda três casos. A necessidade de isolar por vírgulas toda a oração ou termo de oração de valor meramente explicativo por serem pronunciados entre pausas. Termos essenciais e integrantes não podem ser separados por vírgulas visto que se ligam uns com os outros sem pausa. Por fim, afirmam haver poucos casos em que o emprego da vírgula não representa uma pausa real na fala, como se observa em respostas rápidas:

(31): “Sim, senhor. Não, senhor.”

### **1.3 Rocha Lima (2011)**

No recorte sobre o uso da vírgula, um dos livros que se ocupa do conteúdo é a Gramática Tradicional da Língua Portuguesa, de Carlos Henrique da Rocha Lima. O autor trabalha com a ideia de que os sinais de pontuação devem ser usados para restabelecer as “pausas rítmicas” perceptíveis na pronúncia por meio das entoações e traduzidas na escrita por meio de “sinais especiais”, nesse caso, mais especificamente, a vírgula. É atribuído o papel de demarcar a “pausa que não quebra a continuidade do discurso, indicativa de que a frase ainda não foi concluída.” (p. 551)

O gramático lista dezessete usos da vírgula. No primeiro caso apresentado, usa-se a vírgula para separar os termos da mesma função e que sejam assindéticos, com a ressalva de que se houver a conjunção “e” entre os dois últimos termos, a vírgula é suprimida.

(32): "Sem pressa, sem pesar, sem alegria, Sem alma, o tecelão, que cabeceia, carda, retorce, estira, asseda, fia, doba e entrelaça, na infindável teia." (Olavo Bilac)

Posteriormente, apresenta a obrigatoriedade da vírgula para isolar aposto, vocativo e datas, além de marcar a supressão de um verbo.

No que se refere aos adjuntos adverbiais, a vírgula é empregada para indicar a inversão destes. O autor ainda esclarece que se o adjunto adverbial deslocado for de pequena extensão, a vírgula pode ser dispensada.

(33): “Por impulso instantâneo, todo o ajuntamento se pôs de pé.” (Rebello da Silva)

Separam-se também as estruturas em que o complemento verbal, deslocado para o início da oração, é repetido por um pronome enfático.

(34): “Arquiteto do mosteiro de Santa Maria, já o não sou.” (Alexandre Herculano)

O uso da vírgula se estende para isolar orações ou termos intercalados e expressões explicativas, corretivas, continuativas e conclusivas, além de isolar orações ou termos intercalados.

(35): “A mim me parece, tornou Leonardo, que os títulos é cousa conveniente e necessária.” (Rodrigues Lobo)

Outro caso apresentado é o da separação de orações coordenadas assindéticas.

(36): “Há sol, há muito sol, há um dilúvio de sol.” (Hermes Fontes)

Quando se trata das orações coordenadas ligadas pela conjunção “e”, o uso da vírgula faz-se necessário quando há sujeitos diferentes. Além disso, o autor faz um parêntese para explicar que, para destacar os termos enumerados, vale o emprego da conjunção “e” repetidamente, mantendo-se a separação por vírgula também.

(37): "Seca a terra aparece, e nela é tudo

Informe, e rude, e solitário, e mudo." (J. A. de Macedo )

Outro tipo de coordenada que se separa por vírgula é o que está ligado pelas conjunções “mas”, “senão”, “nem”, “que”, “pois”, “porque”, ou pelas conjunções alternativas. Além do mais, isolam-se também as conjunções adversativas “porém”, “todavia”, “entretanto”, “no entanto”, “contudo”, e as conjunções conclusivas: “logo”, “pois”, “portanto”.

(38):“Contudo, ao sair de lá, tive umas sombras de dúvida...” (Machado de Assis)

Deve-se separar as orações consecutivas e as orações subordinadas adverbiais. Nestas últimas será acrescentada a vírgula àquelas iniciadas pelas conjunções subordinativas não integrantes, quer antepostas, quer pospostas à principal.

(39): “(...) e o fulgor das pupilas negras fuzilava *tão* vivo e por vezes *tão* recobrado, *que* se tornava irresistível.”

(40): “Juro que ela sentiu certo alívio, quando os nossos olhos se encontraram ...”  
(Machado de Assis)

Por fim, Rocha Lima (2011) elucida que se separam por vírgula os adjetivos e as orações adjetivas de sentido explicativo e as orações reduzidas de gerúndio, participio e infinitivo.

(41): “ *Caindo* o sol, a costureira dobrou a costura para o dia seguinte...” (Machado de Assis)

Nesta seção, apresentamos a visão de três gramáticos tradicionais sobre o emprego da vírgula. Em todas as obras, a exposição do conteúdo ocorre através de uma listagem de regras apoiadas em noções sintáticas ao mesmo tempo em que se defende a motivação da vírgula como mecanismo para marcar uma pausa manifesta na fala. Os autores esboçam uma diferença nos números de casos apresentados entre si e também não organizam de maneira sistemática os casos obrigatórios, opcionais e proibidos, fatores esses que denotam uma desuniformidade e acaba por caracterizar obstáculos no entendimento do conteúdo.

## **2. Análise das Obras Gramaticais**

Nesta seção, apresentaremos uma reflexão sobre as principais incongruências que as obras descritas no item 1 trazem quanto ao ensino da vírgula.

### **2.1 Evanildo Bechara (2009)**

De início, Bechara considera a vírgula como recurso sintático que organiza pausas orais e escritas. Posteriormente, o autor explica que o sinal tem atribuições da gramática e semântica, e ao mesmo tempo, contempla ainda as características melódicas e rítmicas. O que acaba por gerar alguns impasses, porque ao afirmar, primeiramente, que o sinal serve para demarcar as pausas, o leitor do material já entende que a finalidade é exclusivamente essa. E, quando o autor cita os aspectos gramaticais, entonacionais e semânticos, ele não explica como isso se dá ou se estrutura nos critérios de virgulação.

Dentro dessa mesma perspectiva, a afirmativa de que a vírgula organiza pausas orais e escritas é um ponto que deve ser cuidadosamente revisto. Nesse momento, deve-se lembrar que a vírgula não é responsável pela transcrição de pausas da oralidade, visto que os sinais de



pontuação constituem recursos da língua escrita, e não da língua falada. Ferrarezi Junior (2018) argumenta que cada modalidade concebe normas, propriedades e usos próprios, que se diferem desde a aquisição até a produção e uso. Dessa forma, entendemos que a língua e oral e escrita são sistemas diferentes, e, por isso, a vírgula, sendo recurso da escrita, não deve ser regida sob a perspectiva da oralidade.

É interessante ressaltar também que Bechara, em sua sessão dedicada à vírgula, traz expressões como “em geral”<sup>1</sup> e “às vezes”<sup>2</sup>. O autor tenta mensurar se determinada regra se aplica a uma maioria ou minoria de casos, e peca ao instruir o uso através de expressões de frequências vagas. Essas situações contidas nas Gramáticas Tradicionais são objeto de críticas feitas por Luft (2002, p.8), segundo o qual expõe que “as regras explícitas das nossas gramáticas e manuais de português são deficientes e precárias. Não suficientemente gerais e precisas para abranger todos os casos particulares.” Luft defende que, para virgular as orações de maneira correta, é preciso avaliar cada oração em sua singularidade sintática, pois a lista de regras apresentadas não contempla todas as situações de uso.

Além do mais, Bechara cita de forma menos pormenorizada o uso da vírgula, o que demanda um maior conhecimento prévio de quem acolhe o material. Apesar de listar dezesseis casos de uso, não se dedica a explicar de forma mais precisa cada um. Há poucas observações entre os casos apresentados, esboça especificamente três, presentes nos exemplos 2, 4 e 6. Ademais, o autor trabalha apenas com os casos de uso obrigatório e proibido da vírgula, não faz menção a nenhum uso opcional.

Por fim, diferentemente dos outros autores analisados, Bechara é o único que relaciona a vírgula ao nível semântico. Os dois últimos casos trabalhados<sup>3</sup> por ele contemplam essa área da linguística, o que acaba por traduzir a preocupação quanto à interpretação da mensagem e à organização das ideias. Essa associação é imprescindível porque suscita a importância da relação do conteúdo e a informação que deseja ser transmitida a partir do pensamento lógico .

## 2.2 Cunha e Cintra (2016)

---

<sup>1</sup> Admite-se a vírgula também para separar, *em geral*, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente). Conforme exemplo (5).

<sup>2</sup> Além de isolar o nome do lugar, nas datas e apontar, *às vezes*, a elipse do verbo. Conforme exemplo (9).

<sup>3</sup> Para assinalar a interrupção de um seguimento natural das idéias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária e para desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separando por vírgula a expressão deslocada.

Cunha & Cintra expõem a vírgula como sinal que marca sobretudo a pausa e ainda acrescentam que a vírgula opera como uma espécie de mecanismo para aproximar a língua falada da língua escrita. É através da pontuação que os autores propõem representar os aspectos rítmicos e melódicos da língua oral. Exploram mais detalhadamente os casos sobre a vírgula, trazendo muitas notas em anexo, e trabalham os casos obrigatórios, opcionais e proibidos, como expostos na seção anterior.

Os gramáticos são os únicos que trazem a vírgula como mecanismo de realce dos termos, o que adentra a sintaxe estilística, ou seja, segundo os autores, a pontuação é utilizada como recurso estético-expressivo, como visto em dois casos, especificamente: “Para separar elementos que exercem funções sintáticas diversas, geralmente com a finalidade de realçá-los” (p. 659) e também aos adjuntos adverbiais de pequeno corpo “a vírgula é, porém de regra quando se pretende realçá-los.” (p. 660). Buscam, então, através da disposição dos elementos em um enunciado e a pontuação, colocar determinados termos em evidência.

Esse papel da pontuação com caráter enfático também é dispositivo de estudo de Smith (1993). Ela afirma que a pontuação tem função sintático-semântica e, por meio das combinações sintagmáticas, a autora ressalta a questão da estilística; em outras palavras, por meio desses arranjos sintagmáticos, é possível adaptar o uso para que seja dada ênfase a determinada informação, como também proposto por Cunha & Cintra. A autora ainda acrescenta que o sinal de pontuação não pode ser analisado de forma isolada, precisando ser examinado no texto em que está inserido. Caso contrário, tanto o entendimento quanto o aprendizado ficam prejudicados.

Quanto à divisão de usos, os gramáticos apresentam um recurso didático que os separa em dois grupos. Primeiro, são descritas as ocorrências da vírgula no interior das orações e as que aparecem entre elas. Entretanto, mesmo com essa divisão, a listagem por regras ainda assim, não deixa de ser um empecilho para um aprendizado efetivo. Smith (1993, p. 56), relata que “os textos dedicados à pontuação apresentam, geralmente, um conjunto de prescrições mais ou menos fixo, seguidas de exemplos que não ultrapassam os limites do período.” Essa observação da autora nos chama a atenção para a questão da metodologia presente nas Gramáticas Tradicionais – o ensino a partir da listagem de regras e a discrepância de raciocínio entre os gramáticos.

De antemão, outro ponto que chama atenção é a afirmação de que o papel da vírgula é marcar “pausas de pequena duração”. (p.658). Os autores não fornecem nenhuma descrição de qual seria essa duração, como ela é avaliada e quais critérios devem ser considerados para verificar essa extensão de tempo. Trata-se de algo subjetivo, pois o que pode ser considerado

pausa para um leitor, pode nem ser relevante para outro. Cada indivíduo a seu modo deduz ou mensura o que seria uma pequena duração, o que recai, justamente, sobre o engano de que a vírgula é motivada pela pausa, como nos explica Luft (2002):

“Essa ligação entre pausa e vírgula deve ser responsável pela maioria dos erros de pontuação. E penso que está mais do que na hora de desligar as duas coisas. No entanto, mesmo em gramáticas recentes, e de autores bem conceituados, persiste a ilusão.”(LUFT, 2002, p. 7).

Luft (2002) se preocupa em esclarecer que o uso da vírgula não é guiado por base fonética como as Gramáticas Tradicionais declaram. Ressalta que a virgulação depende da nossa “intuição estrutural” (p. 8), ou seja, o emprego da pontuação depende do conhecimento das relações sintáticas dos elementos constituintes da oração. O emprego ordenado pela pausa denuncia uma deficiência no aprendizado da análise sintática no conhecimento da constituição da frase.

Nesse mesmo plano, Luft (2002) discorda do entendimento da vírgula como marcadora de pausa, visto ser possível que na fala tenhamos pausas entre termos essenciais, como por exemplo, entre sujeito e predicado, mas de nenhuma forma essa pausa pode ser concebida por vírgulas na escrita. Desse modo, a questão que, realmente, deve ser levada em consideração ao pontuar é o saber sintático, porque o uso desse sinal de pontuação deveria ser sustentado por critérios de organização dos elementos gramaticais. Com isso, a intenção é a de que por meio do conhecimento gramatical se possa justificar o emprego do sinal e compreender a necessidade do seu emprego ou não.

Em consonância com o pensamento de Luft (2002), Smith (1993), acrescenta que a prosódia nesse caso é uma consequência das combinações dos arranjos sintáticos. Ela destaca que quando as construções sintáticas são verificadas, há, conseqüentemente, pausas, visto que os sinais guiaram a leitura oral e podem resultar em variações de entonação. Mas não significa que sejam as responsáveis pelo emprego desse sinal gráfico, o que condiz com o que vem sendo defendido neste trabalho – que a pausa na fala não é motivadora do uso da vírgula.

### **2.3 Rocha Lima (2011)**

Rocha Lima não faz uma introdução prévia sobre a funcionalidade da pontuação ou sobre os aspectos que considera ao organizar seu material sobre o emprego da vírgula. Diferentemente dos outros autores que dedicam alguns parágrafos para expor quais áreas do

conhecimento se debruçam. No início do capítulo, ele mostra que a vírgula ou ‘sinal especial’ nomenclatura dada pelo autor, indica as pausas rítmicas. Fica subentendido que a vírgula tem o papel de assinalar as pausas rítmicas e não traz nenhum outro aspecto que rege o uso do sinal.

O que nos chama atenção, é que a listagem de regras, são apoiadas na sintaxe, mesmo que o autor não tenha explicado anteriormente essa condição. Rocha Lima trabalha com a vírgula de forma mais detalhada do que os outros gramáticos, fato comprovado pelo número de ocorrências que esboça, dezessete ao total. Entretanto, ocupa-se apenas dos casos obrigatórios de emprego da vírgula, não se dedica aos casos opcionais e proibidos.

Um ponto que deve-se examinar é a atribuição da vírgula para perfazer as pausas rítmicas expressas por entonações características presentes na oralidade. Corrêa (1994) nos mostra que essa linha corrobora para uma problemática, os casos em que as unidades fonológicas são apontadas indevidamente a unidades gráficas, nesse caso a vírgula. O autor ressalta que o texto deve ser articulado a partir da relação dos aspectos sintáticos, morfológicos e semânticos e não apenas do viés fonológico. Corrêa (1994), não exclui a prosódia da oralidade como agregador da escrita e constituinte da heterogeneidade da língua escrita, mas esclarece que não é somente ela que a compõe. É uma síntese das características sintáticas, morfológicas, semânticas e entoacionais.

Além do mais, Corrêa (1994), questiona essa organização das gramáticas, em tentar atribuir à língua falada a mesma segmentabilidade da língua escrita, sendo que essa tem um ritmo próprio. O gramático propõe que o conhecimento a ser propagado acerca do tema deve ser o de que a pontuação, especificamente a vírgula, é uma ferramenta que traz coesão ao texto, ou seja, faz parte da articulação entre as diferentes partes de cada escrito e não da transcrição dos aspectos orais da língua.

Marcuschi e Dionisio (2007) em consonância com Corrêa (1994), também defende que a modalidade oral tem seus próprios métodos, assim como a modalidade escrita, então não pode ser caracterizada pela transcrição. Ele propõe que: “todas as línguas desenvolvem-se em primeiro lugar na forma oral e são assim aprendidas por seus falantes. Só em segundo lugar desenvolve-se a escrita, mas a escrita não representa a fala nem é dela derivada de maneira direta.” (MARCUSCHI, DIONISIO, 2007, p.8). Para melhor elucidar tal afirmativa, vamos nos aproveitar do exemplo explorado pelo linguista:

(01) Inf.: bom... a gente vai ver hoje... Andréa... o: problema da industrialização do Japão... como? vocês vão ver pelo livro... né... que vai

dar bem mais detalhes desse tipo de curso... o que eu vou tentar fazer hoje não vai ser só na aula de hoje... que Japão merece mais... hoje vou dar uma introdução... tentando localizar as principais diferenças práticas do início da industrialização no Japão... e dos Estados Unidos atualmente... bom... então... voltando um pouquinho atrás... nós vimos que o início da industrialização nos Estados Unidos..se deu de uma maneira direta..né...decorrente de uma aplicação de excedente... europeu... no início da industrialização dele... (Fonte: Projeto Nurc/RJ inquérito 379 - inf 469; elocução formal)

No exemplo acima, percebe-se que não há a construção de um texto, respeitando as estruturas sintáticas para trazer coesão ao texto. Trata-se de uma transcrição fidedigna da oralidade, uma narrativa oral ou um diálogo espontâneo. Se, porventura aplicássemos aqui a errônea concepção de que a vírgula corresponde a pausa da oralidade, teríamos que considerar que a cada reticências expressa, teríamos que substituí-las por vírgulas, para enfatizar que há a presença de pausa em determinada momento e denotar continuidade no discurso. Situação essa que é inconcebível. Visto que, a fala possui traços que lhe são próprios, “marcadores conversacionais” (p. 25), como as repetições, hesitações e as pausas, por exemplo, e não podem ser expressas pela escrita. Em outras palavras, podemos dizer que, diferentemente da língua escrita, a fala não pode ser normatizada por algum conjunto de regras gerais.

Marcuschi e Dionisio (2007) também salientam que “a escrita é uma espécie de representação abstrata e não fonética nem fonêmica da fala, ela não consegue reproduzir uma série de propriedades da fala, tais como o sotaque, o tom de voz, a entoação, a velocidade, as pausas, etc.” (p. 21). O autor ao se debruçar sobre língua e escrita, expressa as diferenças entre esses sistemas e por consequência nos auxilia a compreender o tema central deste escrito. Ao destacar que cada um obedece a diretrizes específicas, nos consolidada que a pontuação por ser recurso da língua escrita deve se estruturar a partir de suas concepções. Ao mesmo tempo, nos oferece aporte para analisar a problemática das gramáticas tradicionais ao prescreverem o uso da pontuação por questões da oralidade.

Por fim, com o intuito de evidenciar as divergências de explicação sobre o uso da vírgula, selecionamos algumas regras que não são consenso entre os três autores. (Quadro de Divergências)

Casos Obrigatórios	Bechara	Celso Cunha	Rocha Lima
--------------------	---------	-------------	------------

Repetição <sup>4</sup>	É mencionado  Para separar, em geral, os pleonasmos e repetições (quando não têm efeito superlativamente).	É mencionado  Para isolar os elementos repetidos.	Não menciona
Pleonasmos <sup>5</sup>	É mencionado  Para separar, em geral, os pleonasmos e repetições (quando não têm efeito superlativamente)	Não menciona	Não menciona
Oração coordenada aditiva <sup>6</sup>	É mencionado  Para separar orações coordenadas aditivas que sejam iniciadas pela conjunção 'e', proferidas com pausa.	Não menciona	Não menciona
Orações no infinitivo, gerúndio e particípio <sup>7</sup>	Não menciona	É mencionado  Para separar as orações reduzidas de infinitivo, gerúndio e de particípio, quando equivalentes a orações adverbiais.	É mencionado  Para separar as orações reduzidas de gerúndio, particípio e infinitivo.
Orações Assindéticas <sup>8</sup>	Não menciona	É mencionado  A vírgula é usada para separar orações coordenadas assindéticas.	É mencionado  Para separar as orações coordenadas assindéticas.
Quanto ao campo semântico <sup>9</sup>	É mencionado  Para desfazer má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração.	Não menciona	Não menciona
Expressões consecutivas <sup>10</sup>	É mencionado  Para separar as partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão	Não menciona	É mencionado  Para separar as orações consecutivas.

<sup>4</sup> Conforme exemplos (6) e (17).

<sup>5</sup> Conforme exemplo (6).

<sup>6</sup> Conforme exemplo (4).

<sup>7</sup> Conforme exemplos (30) e (41).

<sup>8</sup> Conforme exemplo (23) e (36)

<sup>9</sup> Conforme exemplo (12)

<sup>10</sup> Conforme exemplo (9) e (39).

	e concessão.		
Oração coordenada ligada pela conjunção ‘e’ com sujeito diferente <sup>11</sup>	Não menciona	É mencionado  Separa-se geralmente por vírgula as orações coordenadas unidas pela conjunção ‘e’, quando têm sujeito diferente.	É mencionado  Para separar as orações coordenadas ligadas pela conjunção ‘e’, quando os sujeitos forem diferentes.
Casos Proibidos			
Termos Coordenados com sujeitos seguidos de verbos <sup>12</sup>	É mencionado  Na série de sujeitos seguidos imediatamente de verbo, o último sujeito da série não é separado do verbo por vírgulas.	Não menciona	Não menciona
Oração Coordenada Alternativa ‘ou’ com sentido de equivalência <sup>13</sup>	É mencionado  Se denota equivalência, não se separa por vírgula o ‘ou’ posto entre dois termos.	Não menciona	Não menciona
Oração adjetiva restritiva <sup>14</sup>	É mencionado como caso obrigatório  Para separar quase sempre as orações restritivas, de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam.	É mencionado  As restritivas, necessárias ao sentido da frase, ligam-se a um substantivo antecedente sem pausa, razão por qual dele não se separam por vírgula.	Não menciona
Caso Opcional			
Adjunto adverbial de pequeno corpo <sup>15</sup>	Não menciona	É mencionado  Quando os adjuntos adverbiais são de	Não menciona

<sup>11</sup> Conforme exemplo (24) e (37)

<sup>12</sup> Conforme exemplo (2)

<sup>13</sup> Conforme exemplo (5)

<sup>14</sup> Conforme exemplos (8) e (28)

<sup>15</sup> Conforme exemplo (19)

		pequeno corpo, costuma-se dispensar a vírgula.	
--	--	--	--

Fonte: Elaboração da autora, a partir das gramáticas analisadas.

A partir do quadro apresentado é compreendido que há três tipos de situações diferentes. Primeira, em que uma regra é citada por apenas um dos gramáticos, como por exemplo, para separação das orações coordenadas aditivas, trabalhada unicamente por Bechara. Segunda, tem-se os casos em que a regra é apontada por dois autores, quanto às Orações no infinitivo, gerúndio e participio, por exemplo, presente em Cunha & Cintra e Rocha Lima e por fim, a situação em que a mesma regra é mencionada, mas em posição de contrariedade como exposto no caso das Orações Adjetivas Restritivas, trabalhada por Bechara e Cunha & Cintra. Entretanto, em todas essas situações o desacordo entre os casos trabalhados é evidente.

Todas as situações derivam das discordâncias entre os materiais estudados. Entretanto, a que mais nos chama a atenção é a regra das Orações Adjetivas Restritivas<sup>16</sup>. Essa prescrição para Bechara se enquadra nos casos obrigatórios sobre o emprego da vírgula. Ele instrui que essas estruturas sempre devem ser pontuadas, sendo indispensável seu uso. Enquanto que para Celso Cunha o emprego da vírgula nessa circunstância é proibido. O autor justifica que essa funcionalidade se dá porque as adjetivas restritivas são fundamentais para a compreensão da frase, além de não serem ligadas por pausa, o que explicaria a impossibilidade do uso do sinal em sua interpretação. Esse contexto denota tamanha desuniformidade porque a mesma regra tem perspectivas opostas entre os autores.

Percebe-se então que os compêndios prescritivos, apesar de tratarem do mesmo assunto, mostram uma assistemática. Tal situação denota o fato que não há uma correspondência entre os casos listados pelos autores. A partir do quadro exposto observamos que ao longo dos 12 casos apontados, seis deles são estudados por apenas um dos gramáticos (casos 5, 6, 9, 12, 13 e 15) e seis são partilhadas por ao menos dois dos autores (casos 4, 7, 8, 10, 11 e 14). Dentre os seis compartilhados, um é trabalhado em comum (caso 4) entre Bechara e Celso Cunha e outro trabalhado em oposição (caso 14), três entre Celso Cunha e Rocha Lima (casos 7, 8 e 11) e um entre Bechara e Rocha Lima (caso 10). Tal análise, busca ressaltar as discrepâncias entre os casos abordados.

---

<sup>16</sup> Conforme exemplos (8) e (28)



### 2.3.1 Considerações Finais Parciais: observações sobre as Gramáticas analisadas

Nesta seção, apresentamos vários pontos de discordância entre as gramáticas analisadas: desde a metodologia até o número de casos de empregos – opcionais ou compulsórios – da vírgula. Observamos que o capítulo de Bechara (2009) destinado a esse conteúdo, apesar de sucinto, contém dezesseis regras de uso; Cunha & Cintra (2016) fornecem uma abordagem mais simples ao longo de dez regras, e Rocha Lima (2011) apresenta uma descrição mais extensa composta por dezessete regras e muitas ressalvas. Além do mais, constatamos que todas relacionam a pausa ao seu emprego. Bechara (2009, p. 514) qualifica a vírgula como sinal marcador de pausas inconclusas, Cunha e Cintra (2016, p. 658), relata que a vírgula “marca uma pausa de pequena duração” e Rocha Lima (2011, p. 551) atribui o papel de assinalar a “pausa que não quebra a continuidade do discurso”.

Verificamos que esses gramáticos divergem em relação aos critérios que consideram ao reger a pontuação. Bechara (2009) relaciona o uso da vírgula a critérios semânticos; Cunha & Cintra (2016) ressaltam a melodia (ou seja, a prosódia) e a sintaxe estilística; e Rocha Lima (2011) relaciona majoritariamente a questão do ritmo. Entretanto, em todos os casos, os autores associam a pausa oral ao uso da pontuação na escrita.

Percebe-se que todos os autores adotam a sintaxe para listar as regras de emprego de vírgula, mas acabam por associar, primeiramente, a outras razões, como por exemplo, a melodia, a semântica e a prosódia. Isso acaba por resultar nas diferentes regras expressas por cada autor. Por serem gramáticas tradicionais, espera-se haver um rigor quanto aos casos trabalhados. No entanto, não há um consenso entre os casos e critérios que devem ser levados em consideração. Por isso, Piacentini (1996) recorda não haver uma uniformidade entre os escritores quanto ao emprego da vírgula, o que variaria de acordo com o estilo de cada um.

A todo momento trazemos a importância de trabalhar com a sintaxe para então concretizar o ensino da pontuação. Ferreira (1999) aponta, que, dentro da sintaxe, as unidades se organizam de forma hierárquica. É essa concepção que deveria apoiar o aluno a organizar o seu pensamento lógico. Quando não se trabalha com a análise sintática em sala de aula, situações como concordância e colocação, por exemplo, não são compreendidas. É só através desses aportes que se pode chegar ao uso adequado da pontuação. Percebe-se aqui que o domínio da análise sintática é condição *sine qua non* para o emprego apropriado desse sinal de pontuação.

### 3. Seleção e Constituição

Nesta seção, apresentaremos os conceitos de Seleção Semântica e Constituição Sintática para melhor trabalhar com o ensino da vírgula.

#### 3.1 Lunguinho et alii (2020): Uma proposta formal para o ensino da vírgula em português

Em um capítulo denominado "Seleção, Constituição e Pontuação: Uma proposta formal para o ensino da vírgula em Português", Lunguinho et alii (2020) trazem uma proposta para o ensino do uso da vírgula com base em conhecimentos prévios do estudante acerca da gramática de sua língua materna. Em primeiro lugar, são listados os problemas que mais acontecem quando do ensino desse sinal, a saber: a abordagem da vírgula como marcadora de pausa pelas gramáticas e também a enumeração de uma infinidade de regras. Destaca-se ainda que essas questões acabam por evidenciar dois prejuízos: transmissão errônea da ideia de vírgula condicionada a pausa e o insucesso do ensino por memorização das normas. Percebemos que tal estrutura está presente nas três gramáticas que foram analisadas neste trabalho.

Quanto ao primeiro problema, os autores defendem que “a pausa é secundária e não primária e motivadora das vírgulas” (2020, p. 146), ou seja, ao pontuar, não se pode assumir a vertente de que a vírgula é provocada pela transposição de pausas da língua oral para a língua escrita, mas deve-se à prescrição gramatical. Já o segundo problema, a listagem de regras, implica em um cenário em que é cobrada do aluno a memorização dessas, o que não contempla a verdadeira compreensão do porquê ser ou não empregada a vírgula, o que acarreta ao aluno a falta de domínio em não saber demonstrar o uso.

Para melhor explicar a problemática de relacionar a pausa na oralidade com as vírgulas presentes na escrita, os autores concentram-se em apresentar três diferentes casos. Na primeira situação, encontramos a pausa da oralidade na qual a vírgula está inserida, mas tal fato se dá pela circunstância de coincidência, e não pela pausa ser motivadora do sinal, como se observa no exemplo a seguir:<sup>17</sup>

(42): “Crianças, venham jantar !”

---

<sup>17</sup> Exemplos de (42) a (44) extraídos de Lunguinho et alii (2020, p. 145-146)

Na segunda situação, os autores discorrem sobre as orações em que a pausa da oralidade não denota nenhum emprego da vírgula, podendo acontecer devido à presença de um sujeito longo, por exemplo.

(43): “Os alunos de sintaxe do semestre passado têm interesse na monitoria.”

Na oração, há uma pausa após a palavra *passado*, entretanto não há presença de uma vírgula. E por fim, as situações em que, mesmo com vírgula na escrita, não há pausas da oralidade:

(44): “Amanhã, todos estarão descansados.”

Nesse momento, fica evidente que a alegação da pausa na oralidade ser motivadora e marcadora de vírgula é imprópria, visto que pode haver vírgula na escrita sem a presença de pausa da oralidade, pausa da oralidade mas nenhuma vírgula na escrita, ou também a coincidência entre uma pausa na oralidade e uma vírgula, como foi apresentado.

Depois dessas resolutivas sobre pausa e vírgula, é proposta uma abordagem diferente de ensino através do conhecimento prévio e implícito dos estudantes acerca dos conceitos de seleção semântica e de constituência sintática. A seleção semântica diz respeito ao significado das construções sintáticas oriundas da combinação das palavras. Em outras palavras, consiste em uma palavra selecionar outra que pode ser combinada a ela, conhecimento esse que já é internalizado pelos aprendizes. A gramática internalizada dos indivíduos pode ser ilustrada pelo seguinte exemplo:

18

(45): a. Ana embrulhou o presente.

b.#O presente embrulhou Ana.

c.\*Ana embrulhou.

d.\*Embrulhou o presente.

Diante dessas construções, o falante reconhece que (45a) é uma sentença concebida pela sua língua, enquanto (45b-d) não são esperadas na língua. O falante é capaz de ter essa percepção porque ao adquirir o verbo, passa a conhecer também seus argumentos, o que caracteriza seu conhecimento intuitivo, que, por consequência, o auxilia a enxergar a

---

<sup>18</sup> Exemplo (45) extraído de Lunguinho et alii (2020, p. 155)

gramaticalidade dessas composições. Esse entendimento é imprescindível porque esclarece como as unidades se relacionam entre si, para que se possa então assimilar como a pontuação se constrói, quais palavras podem ser combinadas e separadas ou não pelo sinal da vírgula.

A partir do juízo acima, a seleção semântica/argumental explica os casos impossíveis, de forma bem mais simples do que disposto pelas regras dos manuais gramaticais. Por meio do conhecimento da noção de seleção compreende-se por que não deve haver vírgula separando termos essenciais (sujeito e predicado), termos integrantes (verbo e seus argumentos) e termos associados a eles quando estão em posição canônica (núcleo do sintagma nominal, adjunto adnominal, adjunto adverbial, entre outros). Ou seja, o estudante parte de um conhecimento prévio para entender por que a vírgula não pode ser empregada entre os termos selecionados pelo verbo/predicado, ou seja, seus argumentos, visto que estes mantêm vínculo sintático. Tal raciocínio é ilustrado a seguir: <sup>19</sup>

- (46): a. Os convidados comeram o bolo. ✓  
b. Os convidados comeram, o bolo. ✗  
c. Os convidados gostaram muito da festa. ✓  
d. Os convidados gostaram muito, da festa. ✗  
e. Os convidados entregaram os presentes aos aniversariantes. ✓  
f. Os convidados entregaram, os presentes aos aniversariantes. ✗  
g. Os convidados entregaram os presentes, aos aniversariantes. ✗  
h. Os convidados entregaram, os presentes, aos aniversariantes. ✗

Já a constituência sintática corresponde a estruturação e organização das sentenças. É necessário partir do pressuposto que “a sentença é a unidade básica da sintaxe e toda sentença é composta de palavras.” (p.159) Então, a palavra é a unidade mínima, o constituinte sintático (sintagma) a unidade intermediária e a sentença é a unidade máxima, significando um conjunto de constituintes. Ou seja, quando combinamos as palavras obtemos os constituintes sintáticos e a combinação destes se resulta na sentença. Ao falarmos de constituência, podemos trabalhar por meio da segmentação da frase em termos essenciais, integrantes e acessórios e isso de acordo com a intuição de sintática e semântica do indivíduo.

Para melhor exemplificar tal situação, os autores explanam o teste de constituintes, conhecido como pergunta-Qu, interrogativa ou fragmento de sentença (p.160) que visa identificar os constituintes. Compõe-se em direcionar perguntas à oração de modo que os constituintes sejam delineados. Nisso, são identificados a extensão (número de palavras por

---

<sup>19</sup> Exemplo (46) extraído de Lunguinho et alii (2020, p. 174)

constituente), função (função sintática dentro da oração), hierarquia (formação de unidades maiores e mais complexas), núcleo e ordem (determinada disposição entre os constituintes). Como exposto no exemplo extraído:<sup>20</sup>

(47).

Os alunos responderam a prova em duplas ontem.

a. Quem respondeu a prova em duplas ontem?

Resposta: [os alunos]

b. O que os alunos fizeram?

Resposta: [responderam a prova em duplas ontem]

c. O que os alunos fizeram ontem?

Resposta: [responderam a prova em duplas]

d. O que os alunos fizeram em duplas ontem?

Resposta: [responderam a prova]

e. O que os alunos responderam em duplas ontem?

Resposta: [a prova]

f. Quando os alunos responderam a prova em duplas?

Resposta: [ontem]

g. Como os alunos responderam a prova ontem?

Resposta: [em duplas]

Essa disposição presente na sentença nos leva a compreender os usos obrigatórios do emprego da vírgula, a partir de três situações/critérios, ao combinar constituintes com mesma função, mudança de lugar dos constituintes (posição não canônica) ou acréscimo de constituintes. Em outras palavras, esse conceito guia o emprego da vírgula porque torna possível identificar a constituição e posição dos constituintes.

O que foi exposto no capítulo vai ao encontro com o objeto de estudo proposto em Vicente e Pilati (2012), em que os indivíduos não aprendem gramática na escola, visto que já possuem a gramática de sua língua antes mesmo de ingressarem na sala de aula. Ou seja, os alunos têm competência linguística, que seria o domínio do conjunto das regras gramaticais, sabem analisar as construções possíveis e impossíveis de acordo com as normas de sua língua. O professor teria o propósito então de sistematizar essas informações já existentes, e não de passá-las à turma como se eles não tivessem conhecimento nenhum sobre a gramática.

No mesmo viés da competência linguística, outro conceito é apresentado pelas autoras, a criatividade. O indivíduo pode criar várias proposições seguindo as normas de sua língua, mas que nunca foram usadas anteriormente e compreendê-las. Nesse momento, há o trabalho em conjunto da competência e da criatividade. A gramática então por meio desses conceitos,

---

<sup>20</sup> Exemplo (47) extraído de Lunguinho et alii (2020, p. 160)

deve ser trabalhada em sala de aula por meio do conhecimento prévio do aluno, caminhando em direção em levar o aluno a encontrar esse conhecimento. Trazer a consciência deles as informações que o estudante já tem em sua língua, de modo, que o aluno reconheça essa informação e saiba empregá-la nas situações de uso.

Esse papel do professor é conhecido como agente eliciador (LOBATO, 2003), visto que é oriundo da técnica de eliciação, que consiste em orientar o aluno a perceber a estrutura que se pretende que ele aprenda, nesse caso, o uso da vírgula, apontando o porquê do emprego ou não da vírgula a partir das combinações e seleções que ele já tem conhecimento devido sua gramática internalizada. Dessa forma, esse ensino parte do processo de descoberta, por meio de conduzir o aluno a observar a língua em uso, a fim de desenvolver análises que nele promovam o aprimoramento de seus conhecimentos linguísticos.

Por fim, depois de conhecer tal metodologia e comparar com as gramáticas tradicionais, o que mais nos chama atenção ao apresentar a vírgula sob a perspectiva das Gramáticas Tradicionais é que há um estranhamento quando os autores falam de pausa e ao mesmo tempo, eles oferecem regras sintáticas. O que acaba por subentender que eles pressupõem que quem recebe o material tem um conhecimento gramatical prévio por parte da intuição, como trabalhado na metodologia acima. Dessa forma, é possível concluir que os conceitos de seleção e constituência sintática aqui estudados estão presentes nos textos dos autores, mas de forma subaproveitada.

#### **4. Considerações Finais**

As análises desenvolvidas para este trabalho partiram da necessidade de apontar as divergências nas prescrições do uso da vírgula nas Gramáticas Tradicionais e esclarecer que o ensino da vírgula não deve seguir o viés de ser marcadora de pausas da oralidade. A constatação nos levou a perceber que a pontuação, especificamente, a vírgula, é apresentada por perspectivas distintas pelos gramáticos Evanildo Bechara, Celso Cunha e Rocha Lima. Tanto na quantidade diversificada de regras, como nos diferentes critérios que regem a pontuação para cada um. Entretanto, em seus materiais prescritivos, todos trazem a prosódia ao trabalhar com o assunto, o que revelou a necessidade de reformulações em seus materiais.

O uso da vírgula, como explorado ao longo do escrito, trabalha em favor de manter a coesão e coerência textual e somente por meio da questão sintática tal atividade pode ser concretizada. A fim de tentar demonstrar tal afirmativa, propomos a apresentação

metodológica sobre a Seleção e Constituintes, por acreditarmos que quando aplicada contribuirá para um efetivo ensino sobre esse sinal de pontuação, já que tange a vírgula relacionada a fatores de natureza sintática, dos quais o falante tem esse conhecimento internalizado. Optar por essa recomendação é benéfico porque se distancia do padrão errôneo proposto pelos materiais de que as regras devem ser memorizadas e aplicadas, excluindo a necessidade dos estudantes saberem justificar o seu uso.

Ademais, por meio da Seleção Semântica e Constituintes Sintática, o ensino sobre o uso da vírgula se traduz, respectivamente, por meio da compreensão e determinação intuitiva da posição das palavras na frase e as relações que estabelece com outras palavras. Como todos os materiais analisados oferecem regras sintáticas associadas primeiramente aos traços da oralidade, nos esforçamos para fornecer reflexões que permitam melhor observar e analisar a pontuação como recurso pertencente à língua escrita. Vale ressaltar que a seleção semântica pode substituir as regras por apresentar que não se deve usar vírgula quando os termos essenciais e integrantes estão em posição canônica, enquanto a constituintes sintática também auxilia no ensino ao determinar o uso da vírgula nas condições de combinação, mudança e acréscimo de constituintes.

Por fim, acreditamos que o resultado da pesquisa não resolverá a problemática de modo imediato. Porém, julgamos ter proporcionado contribuições para o ensino e aprendizado da vírgula, por meio do apontamento das incongruências entre os usos da vírgula presente nas Gramáticas Tradicionais. Tais discordâncias listadas poderão culminar em outras reflexões e aprofundamentos sobre a temática abordada, com a intenção de esclarecer a associação da pontuação e o aspecto da prosódica. E, com isso contribuir para um ensino e aprendizado coerente.

## **5. Referências Bibliográficas**

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Nova Fronteira, 2009.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Pontuação: sobre seu ensino e concepção. **Leitura: teoria e prática**, 1994. Disponível em:  
Acesso em: 3 fev. 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. LEXIKON Editora Digital Ltda, 2016.

FERRAREZI JUNIOR, C. **Guia de acentuação e pontuação em português brasileiro.** 2018.

FERREIRA, Ângela Maria Liberalquino. Sintaxe e pontuação: gramática ou estilo?. **Instrumento Crítico–Revista de Estudos da Linguagem**, n. 2, p. 119-134, 1999.

VICENTE, Helena Guerra; PILATI, Eloisa. Teoria Gerativa e “ensino” de gramática: uma releitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais. **VERBUM. CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO.** ISSN 2316-3267, n. 2, p. 4-14, 2012.

LOBATO, L. **O que o professor de ensino básico deve saber sobre linguística.** Ms. SPBC, 2003.

LUFT, Celso Pedro. **A vírgula. Considerações sobre o seu ensino e o seu emprego.** 2 ed. São Paulo: Ed. Ática, p. 6-15, 2002.

LUNGUINHO, M.; GUERRA VICENTE, Helena; MEDEIROS JUNIOR, Paulo. Seleção, constituição e pontuação: uma proposta formal para o ensino da vírgula em português. **Gramática, Aquisição e Processamento Linguístico: subsídios para o professor de Língua.** Campinas, SP: Pontes Editores, p. 139-190, 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. **Fala e escrita. Belo Horizonte: Autêntica**, p. 13-30, 2007. Disponível em:  
Acesso em: 3 fev. 2013.

PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz. **Só vírgula: método fácil em vinte lições/** Maria Tereza de Queiroz Piacentini. 3. ed. – São Carlos: EdUFSCar, p.143, 1996.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, 2011.



SMITH, Marisa Magnus. A pontuação como ponto comum entre leitor e escritor. **Letras de Hoje**, v. 28, n. 4, p. 53-62, 1993.